

Eu só gosto de gente doida - HBH

Heloísa Buarque de Hollanda (nascida em 1939 em Ribeirão Preto, próspera e bastante conservadora capital agrícola no interior do estado de São Paulo), é figura incontornável para aqueles que querem compreender um Brasil pós-moderno, ou melhor, um Brasil contemporâneo, plural e democrático que reemerge a partir do fim da ditadura civil-militar nos anos 1980 e se consolida institucionalmente já desde os governos FHC (1995-2003, período durante o qual Helô cria o PACC – Programa Avançado de Cultura Contemporânea, instituto dedicado a temas como mídias digitais, novas experiências artísticas, dinâmicas da desigualdade e fluxos migratórios globais, vinculado a Faculdade de Letras da UFRJ, onde ela ainda leciona), mas principalmente durante os governos Lula (2003-2010) e sob a gestão dos ministros Gilberto Gil e Juca Oliveira, que resignificam a importância da cultura e da inclusão e produção cultural no país. Nesse contexto de maior abertura política, igualdade social e arejamento cultural, o desdobramento e a importância do trabalho visionário de Heloísa Buarque de Hollanda ganharam merecidas e amplas dimensões.

Cedo, apenas com 17 anos, Helô (como é conhecida pelos alunos e amigos), transfere-se para o Rio de Janeiro, onde (tornando-se sem dúvida uma verdadeira carioca) se forma na Pontifícia Universidade Católica e inicia sua fecundíssima carreira intelectual – ainda em pleno curso – no âmbito dos estudos literários. Personagem badalada e influente na cena cultural e social da cidade (casa-se com Lula Buarque de Hollanda, galerista e colecionador de arte, de célebre família, com quem tem dois filhos), Helô defende seu doutorado com *Impressões de viagem – CPC, vanguarda e desbunde*, testemunho em primeira mão das aventuras comportamentais e estéticas que fizeram do Rio de Janeiro um lugar único no mundo no final dos anos 1960, antes da dispersão causada pelo AI-5 (Ato-Institucional n. 5, baixado pelos militares em dezembro de 1968, e que vigorou até o mesmo mês em 1978, permitindo ações arbitrárias por parte do governo – como prisão e exílio – contra seus supostos inimigos).

Sua atuação no cenário intelectual brasileiro, especialmente naqueles anos de repressão, caracterizados por uma falta de ousadia acadêmica e pelo receio de se afastar de preceitos teóricos importados da Europa, promove a possibilidade de uma renovação nas metodologias e nas temáticas do estudo da nossa literatura, ao procurar, por exemplo, se aproximar do movimento da poesia marginal enquanto ele acontecia, dialogando com seus agentes e dispensando a necessidade de uma suposta distância

crítica e métodos de análise pré-definidos. A antologia *26 poetas hoje*, publicada em 1975, trazendo sob o mesmo manto poetas tão díspares, mas tão importantes, como Ana Cristina César e Chacal, dando voz a uma nova geração de poetas que em grande parte recusava a solenidade e buscava as ruas, tornou-se um marco ainda vigente hoje para o estudo da poesia brasileira contemporânea.

Desde sempre exercendo suas pesquisas dentro da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Helô através dos anos foi expandindo seu leque de interesses para diferentes áreas da cultura e para os estudos culturais, abrindo as portas da academia para artistas e produtores, jornalistas e livre-pensadores. Sempre brilhante, original e antenadíssima em seu saber e seu não-saber – frequentemente ela prefere levantar perguntas do que dar respostas –, Helô tem promovido uma miríade de pesquisas, conferências, encontros, livros e exposições sobre questões de raça e gênero, feminismo, jornalismo, colonialismo, democracia e ditadura, cinema e vídeo, novas tecnologias de comunicação, *mainstream* e periferia, mercado e cultura e – sempre – a poesia, em suas múltiplas manifestações e suportes. Frequentemente atacada e combatida por uma suposta falta de critérios que possam justificar suas escolhas, pesquisas e antologias, o fato é que Helô nunca teve medo de – pelo contrário, sempre demonstrou ter prazer em – pegar o boi pelos chifres. Uma mais que aguçada capacidade de perceber, em meio a milhares de manifestações culturais de todos os tipos e tendências, o que é realmente novo e valioso; a sabedoria de saber que novas expressões culturais exigem novos aparatos críticos, tornando-se opacas e incompreensíveis se aplicados a metodologias rigidamente estabelecidas; a coragem de se colocar desarmada diante dessas manifestações e de escutar com sensibilidade suas aspirações e sua estética são as inestimáveis qualidades que fazem de Heloísa Buarque de Hollanda uma pensadora visionária e única em nosso país.

Conheci Helô em 1997. Ela precisava de um bolsista para gerenciar a recém criada Biblioteca Virtual de Estudos Culturais, um projeto do PACC, e alguém me indicou. Eu havia acabado de retornar ao Brasil depois de uma ausência de doze anos, e não estava qualificado a praticamente emprego algum, muito menos aquele. Mesmo assim, ela me contratou – ao que sou-lhe sempre grato. Desde então, são muitos anos de parcerias intermitentes, alguns dissensos, muita sintonia e bom humor. Um dia ocorreu-me perguntar por que ela havia me contratado, naquela primeira ocasião. *Por que você é doido* – ela respondeu – *e eu só gosto de gente doida*. É isso aí.

Renato Rezende